



NASCIMENTO, Mayara dos Anjos Lima. Poemas de Stella Leonardos sob o olhar filosófico: a poesia como acontecimento. In: **Revista Épicas**. Ano 2, N. 4, Jun 2018, p. 1-10. ISSN 2527-080-X.

POEMAS DE STELLA LEONARDOS SOB O OLHAR FILOSÓFICO: A POESIA COMO ACONTECIMENTO

POEMS OF STELLA LEONARDOS UNDER THE PHILOSOPHICAL LOOK: THE POETRY AS EVENING

Mayara dos Anjos Lima Nascimento¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo fazer um estudo filosófico a partir de fragmentos de poemas de três obras de Stella Leonardos, a saber *Rapsódia Sergipana* (1995), *Cancioneiro Capixaba* (2000) e *Romanceiro do Bequimão* (1979), procurando observar a presença do acontecimento, conceito trabalhado por Deleuze e Derrida. A abordagem está fundamentada em *Lógica do sentido* (1974), de Deleuze, *Discurso do Método* (2008), de Descartes, além de *Deleuze: uma filosofia do acontecimento* (2010), de Zourabichvili e *Filosofia y literatura em Deleuze e Guarrati: Creación y acontecimento* (2017), de Rojas, Serrano e Silva. Como ampliação da proposta, também serão utilizados os pressupostos teóricos de Bezerra, com trabalhos de 2015 e 2017, e Filho (2012), em que ambos trabalham com a noção de acontecimento na literatura. Como resultado percebemos que os acontecimentos inerentes à literatura são modos de promover desconstruções na sociedade e levar a reflexões acerca da realidade, por mais que desta não parta no momento de produção.

PALAVRAS-CHAVE: Acontecimento; Filosofia; Literatura; Poesia.

ABSTRACT: This article aims to make a philosophical study from fragments of poems from three works by Stella Leonardos, namely *Rapsódia Sergipana* (1995), *Cancioneiro Capixaba* (2000) and *Romanceiro do Bequimão*, trying to observe the presence of the event, concept worked by Deleuze and Derrida. The approach is based on Deleuze's *Lógica do sentido* (1974), *Discurso do Método* (2008), by Descartes, *Deleuze: uma filosofia do*

¹ Graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestranda e bolsista Capes do Programa de Pós-Graduação em Letras também na UFS, na área de Literatura, com enfoque no estudo do "Projeto Brasil", de Stella Leonardos. Membro do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicas (CIMEEP).

acontecimento (2010), by Zourabichvili and *Filosofia y literatura em Deleuze e Guarrati: Creación y acontecimiento* (2017), by Rojas, Serrano and Silva. As an extension of the proposal, the theoretical assumptions of Bezerra will also be used, with works from 2015 and 2017 and Filho (2012), in which both work with the notion of event in the literature. As a result we perceive that the events inherent in literature are ways of promoting deconstructions in society and lead to reflections about reality, however much it does not depart at the time of production.

KEYWORDS: Event; Philosophy; Literature; Poetry.

A literatura como acontecimento

Da mesma forma que a Filosofia para ser compreendida não pode estar reduzida à razão, a Literatura e todas outras formas de arte precisam ir além para, assim, abrir caminhos a novas formas de pensar e ser. É com Nietzsche que essa relação do “eu” diante do mundo passa a ser pensada e fundamenta-se as reflexões acerca da razão, artifício que o homem utiliza para determinar aquilo que é ou não ético e moralmente aceito dentro de uma sociedade convencional. Contudo, quem funda a razão é o próprio pensamento racional e desta forma razão e irracionalidade podem ser vistos sob um patamar de igualdade. Deleuze vai beber das fontes de Nietzsche ao problematizar a razão e o modo como ela direciona as ações humanas e, a partir disso, critica o projeto moderno de reduzir tudo à exterioridade, em que as coisas precisam ser representadas.

Mediante o pensamento racional, as coisas existem dentro de parâmetros de exclusão, pois para algo ser aceito, o outro algo precisa ser negado por ser uma força reativa. Já a Literatura é uma potência ativa criadora, a qual acontece independente de supressões e sem ter compromisso com a verdade e/ou razão convencionadas, haja vista que nenhum ente pode garantir que algo exista, haja vista que, segundo Deleuze, não devemos insistir na existência das coisas, porque tudo pode deixar de “ser” ou simplesmente nunca terem existido. “[...] a filosofia de Deleuze tem uma orientação, ela só pode ser esta: a extinção do nome “ser” e, portanto, da ontologia.” (ZOURABICHVILI, 2010, p. 27). Nesse sentido, a fronteira entre Literatura, tida como ficção, e a vida “real” passa a inexistir. No entanto, promove-se essa separação para ir além daquilo que a razão pode oferecer, análogo ao que pensam sobre a filosofia: ser esta um veículo capaz de chegar ao espírito, à essência das coisas e à perenidade do pensamento.

Os estudos ontológicos, para a Filosofia, baseiam-se no ser e no modo como ele se dá. Entretanto, a tendência atual é a de reduzir o ser à univocidade, como se a pluralidade de pensamentos jamais tivesse existido, o que é uma forma falha de enxergar o ato de pensar. Não existe pensamento singular. Ele é sempre plural e adquirido por meio da experiência, igualmente ao acontecimento, que é, como afirma Zourabichvili (2010): “[...] sempre plural e precedido por outros[...]” (p.33).

A Literatura, por ser repleta de signos, leva-nos a querer interpretá-los, mas se o ser pensante se apoiar, como modelo interpretativo, no mundo exterior, essa atividade pode ser frustrada, porque

o sentido de algo só pode ser encontrado ao tentar atar pontos de vista discordantes. Serve-nos como exemplo a literatura épica. Se pensarmos todo o misticismo épico dentro dos parâmetros de exteriorização do “real”, o leitor pode chegar à conclusão que o texto é inverossímil, por perceber dentro do mítico a ausência do possível pela razão – que desperta para a leitura daquilo que não necessariamente dela necessita.

Nesse sentido, a Literatura é um acontecimento, pois está sempre associada ao *devenir*, ao poder de transformação que a leitura provoca no sujeito exterior ao texto, ou interiorizado pelo ato de ler. Devemos, portanto, distinguir fato de acontecimento. Aquele expressa algo de dimensão finita, já o acontecimento gera o *devenir* e os afetos. Refletir a obra de arte conecta-se com a afetividade, haja vista que as transformações que a literatura pode provocar em um ser gera o afeto e outros acontecimentos, a contra efetuação.

Deleuze (1974) mostra, a partir do pensamento estoico, que devemos estar preparados para os acontecimentos, porquanto são pré-individuais, ou seja, vão acontecer independente de qualquer força. Por este motivo os estoicos eram vistos como resignados e que encaravam as feridas da vida como necessárias. Não, devemos, então “[...] ser indigno daquilo que nos acontece.” (DELEUZE, 1974, p. 151.).

A escrita, por assim dizer, é uma experiência de afirmação da vida. Ao escrever, a vida é perpetuada por meio da obra de arte. O que não é escrito apaga-se, morre. Contudo, a própria escrita, por ser finita, uma hora acaba, uma vez que não pode perdurar *ad aeternum*.

A arte, como visto, precisa de uma materialidade – a linguagem do sujeito escrevente-, mas não se reduz à matéria – pois atualiza o sentido do todo e envolve acontecimentos -, como afirma Deleuze *apud* Rojas, Serrano e Silva (2017), dando-nos novas possibilidades para a vida a partir da transformação da linguagem, a qual cria um mundo diferente do “real” conhecido pelo leitor, porém não deixando de ser um mundo possível, pois que “ Um escritor no tiene la pretensión de demostrar que se trata de un mundo verdadero, sino de instaurar un mundo perfectamente posible, creíble y vivible, [...]” (ROJAS; SERRANO; SILVA, 2017, p. 189).

Stella Leonardos² mentora do “Projeto Brasil”, que tem como foco trazer por meio da arte literária diversas regiões brasileiras para assim resgatar o caráter nacional, através da sua escrita foi capaz de eternizar aquilo que com o passar do tempo foi sendo esquecido – a tradição brasileira – e desta forma tirou acontecimentos do passado e trouxe para o espaço da memória atual. Nas obras *Rapsódia Sergipana* (1995), *Cancioneiro Capixaba* (2000) e *Romanceiro do Bequimão* (1979), por exemplo, ela vai resgatar fatos reais que foram importantes para a formação dos Estados e também

² Nasceu no Rio de Janeiro em 1923, estando com 94 anos. Publicou ao longo de sua carreira mais de duzentos livros, entre romances, poemas, literatura infantil e dramaturgia. É formada em Letras Neolatinas, tradutora do inglês, francês, italiano, espanhol, catalão e provençal e sua estreia na Literatura Brasileira aconteceu em 1941 com a publicação de *Passos na areia*.

fatos míticos, incluso no plano maravilhoso épico. Ao fazer isso, o fato deixa de o ser e passa a ser um acontecimento porque vai desencadear outros como *a posteriori* com os excertos de poemas perceberemos.

A busca incessante pela afirmação nacional faz com que essas obras promovam uma linha de fuga, no desejo de ir adiante, mesmo diante de um cenário em que imperam as disputas pelo poder e a rivalidade. Essa linha de fuga vai conduzir o ser para os valores os quais nunca deveriam ter deixado de serem priorizados, conduzindo seu pensamento para reavaliar o modo como vive, criando *devires*, e passar a revalorizar a tradição de seu povo.

Assim, a literatura cria mundos que nos surpreendem por trazer novas possibilidades de ver a vida, subtraindo desta os pilares do pessimismo. Já a filosofia cria acontecimentos para falar de outros reais e recapitular o que vivemos. São, então, Filosofia e Literatura formas de resistência, da forma como o é o “Projeto Brasil”, de Leonardos, por ir além do que o projeto capitalista impõe: subordinação e esquecimento do passado, da luta e da força dos subalternos.

O acontecimento e o mito nas obras de Stella Leonardos

A Literatura é o veículo capaz de construir narrativas para falar de algo impossível de acordo com os princípios racionais. Mas ao dar luz a algo que não existe, passa a existir pela arte. O fazer literário, enquanto acontecimento, não é a simples colocação de palavras em uma folha nem tão somente a combinação linguística vazia de sentido. A escrita é um acontecer livre dos requisitos da razão, porém quando o leitor mergulha na narrativa, aquilo passa a ser possível e enquanto possível já existe.

O mito geralmente está atrelado à gênese de algo e nos textos épicos sempre há a mescla entre o heroísmo, o mítico e o maravilhoso. Moisés (1974) traz o conceito de mito através da interdisciplinaridade, vendo-o em diferentes vertentes, pois no cenário atual de desenvolvimento científico, é cada vez mais comum a busca por explicar as coisas pela teorização em diferentes áreas do saber.

Do ponto de vista antropológico e filosófico, o mito é encarado como a palavra que designa um estágio do desenvolvimento humano anterior à História, à Lógica, à Arte. Corresponderia à “história do que se passou *in illo tempore*, a narrativa do que os deuses ou os seres divinos fizeram no começo do tempo. ‘Dizer’ um mito é proclamar o que ocorreu *ab origine*. Uma vez ‘dito’, isto é, revelado, o mito torna-se verdade[...] (MOISÉS, 1974, p. 342).

Portanto, o mítico encadeia-se com o sagrado e promove uma linha de fuga capaz de atravessar os limites do mundo concreto sentido ao infinito das possibilidades, tornando tudo realidade, dentro dos parâmetros da imaginação humana.

[...] o mito se insinua no plano da Literatura: deixa de ser o nome de um modo primitivo de conceber o universo, e ainda persiste em determinados agrupamentos humanos atuais (os aborígenes), para se converter no designativo de um substituto “demoníaco” do mito original. Aristóteles permaneceu para a memória dos pósteros como filósofo que estabeleceu a passagem entre o sagrado e o profano: no seu entender, o mito corresponde a “imitação das ações” (MOISÉS, 1974, p. 345).

Para exemplificar, traremos a parte inicial e final de um poema de *Rapsódia Sergipana* (1995), o poema de número sete, selecionado dentre os dezessete que compõem a obra, por evidenciar o mito como possibilidade, na literatura, de transformar o comum em mágico e provocador de desconstruções do que é tido como crível.

POEMA DESENTRANHADO DE UMA CARTA AUTOBIOGRÁFICA

Feito mágica num livro.

De um simples bico de pena
o perfil com nova vida,
destacando-se da página.

E sobrevivendo mistério,
a meu encontro o sorriso
e a presença carismática
de mestre Sílvio Romero:

-Posso chama-la de amiga?
Entre honrada e surpreendida,
tão logo reencontro a fala
confesso:- Me considero
sua amiga há tanto tempo,
meu caro Sílvio Romero.
Apenas não conhecida
Sua carta autobiográfica,
e agora me deu vontade
- perdoe se ideia absurda-
de que o amigo me guie
pela Sergipe mais sua.
(LEONARDOS, 1995, p. 43-44).

Inicialmente, a respeito do título já se verifica a presença da metalinguagem quando a autora intitula o poema como “poema”. Essa figura de linguagem permanece no todo do texto. “Desentranhado” traz a ideia de que a inspiração para o escrever foi extraída do íntimo da alma, como que das próprias entranhas. A princípio acreditamos que inspiração de Leonardos para escrever o poema partiu do nada, porta de acesso entre literatura e filosofia, mas esse nada é pensável por ser a

ausência de algo que a direcione e conduza a escrita. Bezerra (2017) vai apontar o nada como princípio que funda todas as coisas. Entretanto, ao dar continuidade à leitura do poema nota-se que houve um acontecimento primeiro que levou ao aparecimento de Sílvio Romero e, posteriormente, à escrita do poema. O acontecimento é, então, desestruturante e contínuo.

A inspiração para a criação do poema, por meio da presentificação de Silvio Romero, foi tão forte que pareceu “[...] mágica num livro[...]”, e toda ela se desenvolveu durante a leitura da Carta autobiográfica³ com informações acerca da vida e obra de Sílvio Romero.

Na carta, Romero afirma que para ele a literatura estava intimamente relacionada com questões críticas, filosóficas, científicas e religiosas. E, após a leitura da carta, Romero surge ao lado de Leonardos e a conduz na escrita da história de Sergipe. A leitura deste poema, certamente, provoca *devires*, pois o ser passa a mergulhar em um universo possível diferente do habitual e que vai além das expectativas de leitura, ao dar um mergulho no mítico e na história de Sergipe. “Escrever implica, assim, em uma renúncia, em um esquecimento de si, em detrimento do ato de escrever. [...] A literatura pode ser, assim, comparada à unidade que se faz múltipla e a um múltiplo que se faz uno. [...]” (BEZERRA, 2017, p. 1508).

Vejamos o final do poema:

Do simples bico de pena
O perfil revivescendo,
Destacando-se da página.

[...]

-- Aqui não termina a carta?
Com muita pena lhe digo:
Fique a pena no tinteiro.
Até qualquer dia, amiga!

E eu triste, fechando o livro.
(LEONARDOS, 1995, p. 50-51).

Nota-se claramente a repetição intencional que a autora propôs, fazendo do final do poema um recomeço, num movimento cíclico. O maior destaque desse trecho é que diante de tanta similaridade com o início, houve uma alteração: “o perfil com nova vida” cede lugar a um “perfil revivescendo”. A nova vida remete justamente à noção do maravilhoso que permeia o texto e faz Romero, já morto, voltar a ter vida a partir do momento em que é lido na sua carta. Contudo, no final ao usar a expressão “revivescendo”, no gerúndio, evidencia que o poema acaba, mas a presença dos literatos permanece viva sempre ou pelo menos escrever utilizando-os como suporte é também uma forma de os manter vivos para a posteridade. Isso é o *devir*: o nascer, morrer e renascer contínuos.

³ Essa carta é uma obra de autoria de João do Rio, que contém respostas dadas por Romero às indagações propostas por Rio. CARTA AUTOBIOGRÁFICA- João do Rio. O Momento Literário, Resposta de Silvio Romero, 37., Ed. Garnier, -Rio, s.d. (1909).

Em *Cancioneiro Capixaba* (2000) o poema de abertura intitulado “Ode” funciona como uma proposição épica, na qual o eu-lírico pede inspiração para “navegar de corpo e espírito” no Espírito Santo.

Por terras de Santa Cruz
navego de corpo e espírito.
Desembarco em ver de lírico
O sinal da Cruz me implanto.

Que me ajoelho frente à cruz
plantada por almas lusas
nos chãos do Espírito Santo.
(LEONARDOS, 2000, p. 15).

Nesse excerto percebemos a recorrência ao Cristianismo, como fonte de inspiração. Deus é o ser supremo que não parte de coisa alguma, não significando, contudo, que Deus não seja coisa alguma. Já a cruz, mencionada no poema, é apresentação de Deus como logos da cruz, o *logos tou saturou*, que não pode ser interpretado de maneira literal e final. A amplitude do que é Deus e do que a cruz – sinal de amor pelo ser, sinal de morte e renascimento – têm, não se traduz em palavras. Se dissermos que a cruz é apenas dois pedaços de madeira dispostos vertical e o outro horizontalmente, seria simplificar demais o significado que ela assume para o cristianismo. Somado a isso, a cruz é a corporeidade ou suporte material no qual o acontecimento se realiza. Deleuze (1974) afirma que sempre precisamos de suportes na arte. As ondas sonoras são o suporte da música, a escrita é o suporte da literatura, a tela o suporte da pintura e a cruz é, portanto, o suporte de um acontecimento que é Deus.

Em outros poemas essa presença também é demarcada a exemplo de “Daquele histórico embarque”, que fala da vinda de Vasco Fernandes Coutinho, primeiro dono da capitania do Espírito Santo, ao Brasil.

[...] segui Cristo que vos vela
e embarcai na caravela
que leva o nome de Glória.
[...] Pois livrai no mar as velas,
pra Glória de Portugal
Das conquistas nunca vistas.
E que bons ventos vos levem!
Glória in excelsis Deo.⁴

(LEONARDOS, 2000, p. 16).

Em outro poema, ainda, explica-se o topônimo Espírito Santo como uma homenagem à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade:

EM O ANO DA GRAÇA DE 1535
[...] Graças à Graça do dia,

⁴ Negrito e sublinhado da autora.

Nomeada Espírito Santo.
Hoje: dia sacrossanto
Doado à Terceira pessoa da Santíssima Trindade.
(LEONARDOS, 2000, p. 20).

Descartes (2008) foi o precursor no debate acerca da existência de Deus. Segundo seu pensamento, Deus não poderia ter surgido do nada, porque o nada, nada cria. Nem tampouco o mundo pode ter sido criado por um ser imperfeito, pois a imperfeição não gere o seu oposto. O mundo, conseqüentemente, só poderia ter sido criado por alguém igualmente dotado de perfeição e esse Alguém é Deus. Essa ideia de perfeição de Deus por meio do Cristianismo foi perpetuada e é presença marcante, como exemplificado, na arte literária.

Já em *Romanceiro do Bequimão* (1979), o “Descante Primeiro”, também compreendido dentro dos estudos épicos como uma proposição, apresenta outros elementos estudados pela filosofia e que se fizeram presentes no texto literário.

[...] Junto às carrancas crispadas
Da Fonte do ribeirão
tanto ouvir fluidos pedaços
da história do Bequimão.
Quantos dos livros mal contam
Por omissão.
Nas ruas antepassadas
de São Luís do Maranhão
espraiaram-se pedaços
da história de heróis de então.
Mas mesmo o não dito conta
do Bequimão. [...] (LEONARDOS, 1979, p. 15).

Novamente, nesse fragmento, notamos a Literatura como acontecimento que tem o poder de quebrar os paradigmas reinantes para falar acerca do que nos constitui enquanto nação: as nossas peculiaridades. Ao mencionar as ruas e as fontes com carrancas do Bequimão, município do Maranhão, somos levados a ver esses lugares como representativos, no sentido em que foram construídos dentro de todo um contexto histórico que cedeu as bases para a formulação do que o Bequimão é hoje.

Ademais, há também a presença no heroísmo. Os “heróis de então” são os próprios maranhenses. O que Leonardos faz é tirá-los da margem e trazer para o centro do debate, pois são heróis dentro de uma sociedade marcada por desigualdades e lutas históricas. E, uma das partes não menos importante é a que relaciona a omissão da história desse povo dentro da historiografia, pelos versos “Quantos dos livros mal contam/ Por omissão” e “Mas mesmo o não dito conta/ do Bequimão.”. Para os estudos filosóficos, o não dito é uma forma de dizer. Deleuze (1974) aborda, inerente a esse não-dito, o sentido que está explicitado no texto e o não-sentido por baixo da superfície. O sentido passa a ser visto, então, em sua duplicidade e incorporabilidade. O que não está contido no texto, passa a estar a depender da atenção do olhar daquele que lê. As ausências mostram uma presença,

pois ao passo em que se construiu a linguagem poética, também se visou a desconstrução de padrões em direção à percepção de que o não dito é uma forma de tentar anular algo, mas, ao fazer isso, acaba promovendo reação adversa: a busca por desvendar o não dito. No nosso caso, a história do Bequimão.

O desprendimento do real

Pelo que fora visto, percebemos que a filosofia cria conceitos para falar daquilo que escapa à nossa compreensão. Por outro lado, a literatura institui acontecimentos que não podem ser apreendidos pela razão, mas promove desconstruções para que a história possa ser narrada. Por meio dela, somos levados a ver as coisas enquanto *devir*, provisórias por permitirem que sejamos levados a mudanças. Segundo Derrida, em Filho (2012), o acontecimento não se esgota, portanto, o que é narrado são marcas do que aconteceu. Essas marcas são as molas propulsoras para promover rupturas, enquanto ato político que mexe com a estrutura social.

O próprio gênero épico, inerente aos poemas que utilizamos, vem mostrar a capacidade da literatura de promover transformações. Na *Poética* (1977), Aristóteles deu maior ênfase à tragédia em detrimento do épico, o que colaborou para a crença de sua não evolução diacrônica e substituição pelo gênero romance. Contudo, o épico gerou desconstruções e adequou o herói ao cenário atual. Diferente dos heróis gregos, que tomamos conhecimento através da literatura clássica, os heróis atuais são aqueles capazes de driblar as adversidades para continuar compondo sua história.

A Literatura consegue, então, fazer o ser evadir-se e sair do controle da razão, conforme afirma Deleuze. Mas, ao fazer isso, não significa que estejamos fugindo da vida, e sim traçando uma linha de fuga capaz de nos desvencilhar das limitações impostas pelo pensamento racional e pelo “estar no mundo”. A fuga é uma forma de vida, de *devir*. Outrossim, “um acontecimento não é algo que ocorra dentro do mundo, mas uma mudança no próprio arcaibouço pelo qual percebemos o mundo e nos envolvemos nele.” (ZIZEK, 2017, p. 16). Por meio da criação e/ou leitura de obras literárias criam-se vidas possíveis, nos tirando da estagnação e aceitabilidade do pouco que a razão pode nos proporcionar.

Referências bibliográficas

BEZERRA, Cícero Cunha. Clarice Lispector e as fronteiras do nada: Ensaio sobre a filosofia e literatura. *In: O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 26, No. 3, p. 57-73, 2017.

_____, CÍCERO Cunha. Clarice Lispector: escrever para se livrar de si. *In: O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 24, No. 2, p. 157-172, 2015.

_____, CÍCERO Cunha. Clarice Lispector: acontecimento, Deus e literatura. *In: Horizonte*, Belo Horizonte, v. 15, No. 48, p. 1504-1524, 2017.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008.

FILHO, Osvaldo Fontes. Uma “Possibilidade impossível de dizer’: O acontecimento em filosofia e em literatura, segundo Jacques Derrida. **Trans/Form/Ação Revista de Filosofia**, UNESP, v.35, n. 2, p. 143-162, 2012.

LEONARDOS, STELLA. **Romanceiro do Bequimão**. São Luís: SIOGE, 1979. 164 p.

_____, STELLA. **Cancioneiro capixaba**. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2000. 97 p

_____, STELLA. **Rapsódia Sergipana**; uma Rapsódia com poesias de acontecimentos e fatos de Sergipe. Aracaju, Secretaria de Estado da Cultura, 1995.

ROJAS, A. S; SERRANO, J. F. M; SILVA, M.A.P. Filosofía y literatura em Deleuze y Guattari: Creación y acontecimento *In: Praxis Filosófica Nueva serie*, No. 45, julio-diciembre 2017: 171-202.

ZIZEK, Slavoj. **Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze: uma filosofia do acontecimento**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Editora 34, p. 25-35 e 65-130, 2010.